

## SANGUE E ÁGUA

Soraia Maria Silva<sup>1</sup>

Local: Jerusalém

Época: aproximadamente 40DC

Personagem: Maria de Nazaré

Situação: No cenáculo, em conversa com apóstolos, Maria tem uma rigorosa percepção do significado dos últimos acontecimentos que culminaram com a morte de seu filho dois dias antes.

“Todo escriba que se tornou discípulo do reino dos céus é semelhante a um dono de casa que tira do seu tesouro coisas novas e coisas velhas” (Mateus 13:52)

Gruuuu, gruuuu, gruuuuu eram pombas farfalhando nas janelas do cenáculo, o frio da noite se espalhava pelo ambiente esfumaçado do poente ainda retido nas paredes quentes do elevado. Estávamos sentados, levantei-me em direção aos pombos, seus pequenos olhos me intrigavam. Minha mãe Ana ensinou-me desses pequeninos olhos, também os meus olhos seriam fixos e não se desviariam do Deus que se processara em meu corpo. Nada sentia, apenas caminhava em direção ao véu rasgado das janelas que flutuavam ao frescor da brisa, do oriente anunciada. Elas sempre estiveram à minha volta, cercando-me como crianças insistentes de carinho, de um grunhir: Segue-Me, Segue-Me, Segue-Me, Segue-Me, Segue-Me, Segue-Me, Segue-Me. Elas sempre falaram por mim. Quem és?

---

<sup>1</sup> Bailarina, formada pela Unicamp; mestre em Artes/Dança/Unicamp; doutora em Teoria Literária/UnB; autora de *Profetas em movimento* (Edusp, 2001), tem colaborado com artigos sobre dança na coleção Stylus da Editora Perspectiva. Atualmente é professora no Departamento de Artes Cênicas da UnB e coordenadora do Centro de Documentação e Pesquisa em Dança Eros Volússia (CDPDan). [soraia@unb.br](mailto:soraia@unb.br)

Que dizes a respeito de ti mesmo? Pareciam perguntar-me esses pequeninos seres a minha volta, insistentes nas migalhas do pão sobejadas de alguma frugal ceia. João o discípulo amado, agora meu filho, as alimentava e nesse serviço seus olhos eram abertos e tudo também se lhe era revelado. Eis que a casa de João agora também era a minha. Meu filho amado mo dera como filho dois dias antes. Olhei no horizonte o sol poente em réstias de luzes coloridas, soluços de um dia agonizante na vastidão infinita da noite. Mais uma vez contemplo a perfeição celeste. Tudo agora me era claro, a translucidez dos meus pensamentos penetrava o sentido de todas as coisas e os meus olhos percebiam a verdade. Àquela hora os últimos acontecimentos vieram como o derradeiro enigma solucionado, à luz do que é perfeito mais uma vez turvou-se o meu ser. Estranhamente em mim falava o filho, que era o Pai, sua voz saía pelo meu ventre em sonoros raios de Sol nascente. A minha carne novamente sentiu a imensa onda de restauração entre a terra e o céu, ecoavam em mim as palavras de Simeão: “Eis que este menino é posto para a queda e para levantamento de muitos, e para sinal de contradição (também uma espada traspassará a tua própria alma), para que se revelem os pensamentos de muitos corações.” O meu coração estava em meu filho amado, na lembrança de todo o seu desígnio, seu pequenino corpo quente e frágil em meu colo, sua fome e sua sede saciados pelos meus seios. Tal completude imensa senti nesse exercício, no qual anéis de luzes coloridas preenchiam o meu ser em aliança perpétua com Deus. Em remissão a minha carne extasiava-se no doce encargo de ser a mãe do seu Filho amado, entre todas a escolhida para gerar o grande poema da pura graça divina, curada na plenitude dos desígnios elevados, serva de seus desejos e vontades. Tudo foi manifesto à Luz que do meu ventre ergueu-se nas trevas do mundo. Aquele crucificado por essas mesmas trevas ensinou-nos a temer não os que matam o corpo e depois disso nada mais podem fazer, e sim aquele que depois de matar tem autoridade para lançar na Greena. A Esse reclino o meu ser em completa submissão, rendida na imperfeição da minha presença e santificada como mãe, irmã e filha de sua carne transfigurada em meu ventre. Amadas asas as quais me preencheram da mais bendita glória reclinando para mim novamente a sua imensa misericórdia sobre o meu coração de consolo e Paz! Tudo era silêncio, esmaecidas todas as cores da antiga aliança marcada no céu, era noite. Esses mesmos olhos fixos das pombas me impediam de olhar João, estávamos todos sob a devastação dos últimos acontecimentos. O Nazareno varão Profeta, gerado em meu ventre pela vontade suprema do Todo, poderoso em obras e palavras

diante do Supremo e do povo, foi entregue à sentença de morte pelos nossos principais sacerdotes e chefes. Já do meu ventre, outrora preenchido de glória vinham espasmos do silêncio divino pairado no ar entristecido da noite a sussurrar: Insensatos e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! E ardia o coração dentro de nós quando Ele nos falava, quando nos abria as Escrituras, a Lei de Moisés, os Profetas e os Salmos... Os outros 10 iam chegando um a um, os fiéis na esperança do verdadeiro Rei, atendendo ao chamado, vindos da alma imersa na tenebrosa dor, da separação física do nosso amado. Aquele lugar resgatava-nos o espírito e havia ali o prenúncio, a promessa do grande selo, o peixe estava sendo assado. Tudo era justo e correto, no meu espírito já não pairavam sentimentos e dúvidas. Em todo o meu destino transformada a morte em vida, o amor mais puro e infinito no meu ventre gerado de estranhas e ardentes entranhas, o Ser mais belo e perfeito tornado a grande ferida do universo da qual jorra em abundância o precioso líquido purificador, a essência da mais pura Vida. Apesar de tudo sentia a tristeza inundar os meus olhos ao contemplar os destinos dos homens aos quais deu-se a vida do Filho, as dores e o grande sofrimento por Ele sofrido, o sangue derramado e escrito como redenção e libertação dos aflitos. Também senti a imensa misericórdia do Pai para com as suas humanas criaturas, o qual da prisão da farsa liberdade, do arbítrio de ilusões perpétuas nos abriu um novo e vivo caminho, a espera da derradeira conversão dos corações para os mistérios revelados da natureza e destinos humanos. Ali, novamente gerando, preparando o ambiente daquele que vem o meu ser se dilatava na fé, na esperança e no Amor do meu Criador. Não havia mais mistérios. A lentidão e a vastidão da noite profunda trouxeram-me a lembrança das bodas em Caná da Galiléia, quando já não havia mais vinho. Olhei João a derradeira vez, seus olhos de pomba ainda fitavam o sangue e a água que do lado de Jesus saiu quando lhe furou o soldado com uma lança, estando ele já morto, era pois esse o seu destino levar a todos os chamados a olharem Aquele a quem traspassaram. E todos os 11 estavam ali, graves e calados, como as talhas de pedra à espera do seu precioso e redentor conteúdo, tudo estava pronto, a mesa estava posta e o terceiro dia se anunciava. Então lhes disse: “Fazei o que Ele vos disser” e saí celebrando em meu espírito a alegria da pequenina pomba a quem eu acompanhava.

